

“A SUBMISSÃO É INTRÍNSECA AO SER MULHER” - AS CONDUTAS DE UMA ESPOSA SÁBIA E AGRADÁVEL: O DISCURSO RELIGIOSO, A IDENTIDADE FEMININA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA DEMOGRÁFICA

Resumo: A violência de gênero é um problema social global, afetando mulheres em todas as partes do mundo. No Brasil, estudos apontam que aproximadamente uma em cada quatro mulheres já foi vítima de violência física, psicológica ou sexual por parte de um parceiro íntimo. A violência de gênero não se restringe apenas a agressões físicas visíveis, mas também inclui formas psicológicas e morais, como culpa, isolamento e baixa autoestima, que frequentemente são desconsideradas. A religião e seus discursos desempenham um papel complexo nesse contexto, podendo tanto perpetuar a violência como servir como meio de resistência e emancipação. Os discursos religiosos muitas vezes distorcem ensinamentos para proteger abusadores e culpar vítimas, utilizando a linguagem religiosa para impor, induzir ou até mesmo instigar a violência. Ao longo da história, o cristianismo incorporou e perpetuou estruturas patriarcais, contribuindo para a desigualdade de gênero e a violência contra a mulher. Influenciadas pela fé, muitas mulheres buscam compreender ou justificar as violências que sofrem, enquanto os discursos religiosos reforçam estereótipos e limitam a autonomia feminina. Neste trabalho, lançamos mão da técnica de análise de conteúdo para avaliar discursos religiosos publicados nas páginas oficiais de instituições religiosas e líderes religiosos na internet. Nossos resultados revelam padrões de discurso compostos por promoção da submissão feminina e culpabilização das mulheres por situações de abuso. Esses discursos, muitas vezes, silenciam as dores e corroboram com as violências, perpetuando um ciclo de sofrimento. Diante do conservadorismo político e religioso, é essencial promover o debate sobre o papel da religião na sociedade e problematizar o uso do discurso religioso para aprofundar a desigualdade de gênero e a alienação dos direitos das mulheres. Esta análise pode contribuir para abrir espaço para discussões mais amplas sobre como a religião e seus discursos podem influenciar no curso de vida feminino e perpetuar a violência de gênero.

I. Introdução

A violência de gênero é um problema social generalizado, que ultrapassa fronteiras e culturas, afetando mulheres em todo o mundo. Alcançar a igualdade entre gêneros é uma das 17 metas propostas na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) - agenda da qual o Brasil é participante e signatário, apesar de ocupar o 5º lugar mundial no ranking de homicídio de mulheres. De acordo com o Relatório Global da ONU Mulheres (2021), aproximadamente 736 milhões de mulheres com mais de 15 anos (uma em cada três) sofreram algum tipo de violência física ou sexual por parte de um parceiro íntimo durante a sua vida. No Brasil, o estudo “Visível e Invisível: A Vitimização das Mulheres no Brasil” (2023) trouxe dados chocantes, mas não surpreendentes, a saber, que 43% das mulheres entrevistadas disseram ter sido vítima de violência ou agressão ao longo da vida (física e/ou psicológica e/ou sexual) por parceiro ou ex parceiro. Em números são, em média, 27.6 milhões de mulheres e, se analisarmos a prevalência por faixa

etária, temos quase metade das mulheres entre 25 e 34 anos relatando terem experimentado alguma forma de violência por parte de parceiros íntimos ao longo de suas vidas (48.9%). Essa faixa etária também corresponde ao grupo de maior prevalência de vitimização por violência sexual dentre todas as faixas etárias (24.8%), ou seja, 1 a cada 4 mulheres brasileiras entre 25 e 34 anos já sofreram ofensas sexuais ou tentativas forçadas de manter relações sexuais com o parceiro íntimo (Datafolha, 2023).

No Brasil, a violência de gênero assume proporções de larga escala, configurando-se como um problema social de extrema gravidade. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança (2023), a cada 6 minutos e meio foi registrado um caso de violência física contra a mulher no país, e sexualmente 1 a cada 8 minutos. Esses dados são apenas para violência física (visível), definida pela Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher como “Qualquer ato ou conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública quanto na privada” (1994).

Uma complexa e frágil relação entre religião, violência de gênero e direitos das mulheres permeia debates acadêmicos e sociais. A religião e seus discursos religiosos detém o poder tanto perpetuar a violência contra as mulheres, quanto servir como ferramentas de resistência e emancipação. Interpretações ambíguas e subjetivas de textos religiosos podem moldar a vulnerabilidade de mulheres e meninas ao abuso (Pertek, Le Roux, 2022). Além de ser um dos meios mais consistentes de propagação de valores e ensinamentos (Veiga, 2020), também pode fortalecer estereótipos de gênero e limitações sociais, afirmando a submissão das mulheres aos homens e a sua responsabilidade por cuidar da família (Chiavenato, 2021).

Alguns movimentos religiosos permitem, a depender da maneira de propagação, que seus integrantes distorçam ensinamentos, protegendo abusadores e culpabilizando vítimas sob o pretexto de escrituras sagradas, usando da linguagem religiosa para impor, induzir ou até mesmo instigar, e mesmo que alegadamente sem intenção, perpetrar a violência contra essas mulheres (Zhu, 2022).

Vale mencionar que a violência abordada neste presente estudo não compreende apenas atos de agressão visual contra seus corpos, sejam abusos sexuais, torturas físicas e psicológicas, ou espancamentos. Esse termo abrange, também, a violência sofrida dia a dia nesses espaços – até então vistos como seguros – enraizada no imaginário coletivo onde a mulher, “culpada por ser a carregadora de todo o mal ao mundo, não está em sofrimento por tais atos” (Hannah *et. al.*, 2023). A culpa, a autoestima prejudicada, o isolamento e outros reflexos de formas psicológicas e morais de violência de gênero são continuamente desqualificados. De fato, para alguns, a ausência de agressão física visível significa a completa inexistência da violência (Winek, 2007).

Os discursos religiosos, em sua maioria, não acompanharam a mudança vivida pelas mulheres e trazem à tona ensinamentos, versículos, dogmas, leis, que subjagam o ser feminino e seus papéis sociais. “É uma mistificação religiosa e cultural da mulher, da feminilidade, da mãe, da virgem, um culto da feminilidade sagrada e divinizada. Em relação à família, “o discurso religioso prega que ela é sagrada, inviolável e, portanto, não pode ser questionada em termos de estrutura, hierarquia e até relações violentas” (Guerra, 2023).

A violência vestida de religiosidade se institucionaliza amparada pela moral rígida e conservadora, como observado no Brasil e na América Latina (Beleli, 2022). As vítimas de violência buscam em Deus a libertação da dor, recorrendo ao apoio religioso tanto para o casamento quanto para o divórcio (Guerra, 2023). Para Becker (2019), entretanto, “acreditar em Deus não basta, é preciso ter fé em que Ele acredita em nós”. Sem essa confiança, o ciclo de violência se perpetua, pois desistir “não é correto”, e indica falta de fé.

Carvalho *et. al.*, (2020), ao citar Marx e seus pensamentos sobre a religião, mostra que o sociólogo examina a ideia da fé como alienação. Marx compreende que o homem, ao viver num ambiente social de exploração e opressão, precisa encontrar paz noutro domínio (como a religião). Dessa forma, o ser humano, alienado pelas circunstâncias de vida, inventou a religião e passou a contar com ela para superar seus problemas cotidianos.

Ora, é fato indiscutível que o Estado muitas vezes usa da religião como uma forma de controlar os indivíduos na sociedade, e que a igreja por sua vez também se beneficia desse uso política, militar, territorialmente e em esferas menores - bairros, cidades, lideranças locais (Durkheim, 2000). Uma breve pesquisa dos mecanismos de busca na *internet* sobre o significado da palavra “religião” nos trará respostas como: crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual se deve respeito e obediência; postura intelectual e moral que resulta dessa crença; “homens ímprobos, que vivem longe da r” (Google, 2024).

Para Émile Durkheim (1996), a religião é um dos principais tipos de controle social pois consegue manter a coesão social. Entende-se que as pessoas têm a obrigação de obedecer a Deus e, se fizerem algo que viole as regras religiosas, ficarão longe do alcance de Deus. Permissões ou proibições por parte de instituições religiosas muitas vezes restringem atitudes e condicionam comportamentos, estabelecendo assim “leis” e “normas”. Quando essas normas são estabelecidas e aplicadas, os que creem em um Ser Superior imediatamente aderem a elas por medo de serem punidos e se tornarem um mau exemplo aos outros (Dresch, 2023).

O cristianismo, ao emergir em um contexto patriarcal, não se distanciou totalmente dessa estrutura social. Apesar de não ter sido o responsável pela subordinação da mulher ao homem, a religião incorporou e perpetuou essa dinâmica em seus ensinamentos e práticas. Essa perpetuação do patriarcado se traduziu na legitimação do modelo familiar tradicional, onde o homem assume o papel de líder e a mulher se subordina ao seu comando (Candiotto, 2012). Essa divisão de papéis, reforçada por séculos de doutrina religiosa, contribuiu para a perpetuação da desigualdade de gênero e da violência contra a mulher (Chiavenato, 2021).

A fé influencia diretamente a formação do social e do modelo familiar, onde existe o papel do marido, da mulher e dos filhos. É um dos meios mais consistentes de propagação de valores e ensinamentos, pois além de incentivar a violência, pode silenciar as vítimas (Truong *et al.*, 2022). A frase ‘Tudo é vontade de Deus’, frequentemente dita às mulheres em situação de abuso e subordinação, ilustra essa dinâmica. Mais do que mera influência, essa crença profunda enraíza-se na fé e devoção, aprisionando as vítimas em um ciclo de sofrimento (Veiga, 2020). Dessa

forma a fé, que deveria ser fonte de conforto e esperança, se torna - ainda que não perceptível muitas vezes - instrumento de opressão, onde silencia dores e corrobora com as violências.

Segundo Chodorow (2018), alguns homens podem adotar um comportamento dominador com o objetivo de subjugar os outros e, assim, conseguir aumentar sua própria auto estima. Esses comportamentos tendem a surgir em momentos de frustração, seja em casa, no trabalho ou com amigos, e há uma espécie de gatilho comum para esses eventos/comportamentos. Inicialmente, ocorre uma identificação com o agressor, que pode ser o pai, irmão mais velho ou líder religioso, seguido por um comportamento de teste, onde os limites são desafiados. O desejo de expressar a masculinidade resulta na desumanização das mulheres, já reconhecidas ali como “menor e mais fraca”. Similar ao que ocorre com o estupro, a agressão é muitas vezes "justificada" pelo agressor, porque enxerga a mulher como mera propriedade.

Muitas mulheres buscam na fé a compreensão das violências que sofrem, tentam entender os motivos de seus sofrimentos, ou se acomodam buscando encontrar nesses padrões uma espécie de tarefa incumbida como pagamento por algo, ou espécie de missão a ser cumprida como comprovação de sua fé (Guerra, 2023). Esses valores religiosos têm grande influência e a inferioridade feminina mediada por esses discursos é tão presente e enraizada na sociedade como um todo, que a maioria das mulheres não percebem a violência como tal (Pierre, 2019).

1.1 O discurso religioso como objeto de análise: a fé que liberta e silencia

O discurso de líderes religiosos é objeto de estudo em vários setores acadêmicos (USP, 2015). Das diversas reflexões sobre possibilidades retórico-argumentativas do discurso religioso, é valioso trazer à luz para este trabalho a fala do Professor Augusto de Souza Nogueira (UMESP), que afirmou que “A religião cria seus próprios conceitos e se torna uma segunda linguagem que molda o mundo”.

Segundo Ferreira (2015), uma série de fatores podem influenciar o discurso e a forma como é conduzido. O contexto em que a fala ocorre, a gestualidade, expressões, movimentação, e até entonação fazem parte da estratégia para que o receptor aceite a ideia que está por vir.

Para Torresan (2007), existem três tipos de discursos: lúdicos, polêmicos, e autoritários. Os lúdicos são discursos informais, usados em nosso dia a dia; discurso polêmico pode ser caracterizado como o de uma consulta médica, onde o detentor do conhecimento lhe passa uma informação, e esta deve ser respeitada. Já o autoritário é o discurso onde não cabe contestação, o dito é a verdade absoluta. Assim, para o autor, o discurso religioso seria um exemplo de discurso autoritário - não há abertura para questionamentos, uma vez que o locutor (aquele que transmite a mensagem) é sempre a voz de Deus, e o povo é apenas o receptor do que Ele comunica.

O autor também mostra que nesse tipo de discurso existe, também, a escolha entre o bem e o mal, e cabe ao que ouve escolher sabiamente. Pode haver ali o efeito da manipulação, uma vez que se o ouvinte não escolher o caminho “do bem” estará condenado e, para isso, é preciso que aquele que transmite a mensagem tenha uma imagem positiva.

Ghinea (2019) trás uma analogia interessante para demonstrar a relação do líder religioso e seus fiéis, colocando-os como a forma que um publicitário vê o consumidor de um produto que está desenvolvendo. Para que seu *marketing* funcione, é necessário vender sua estratégia, e seduzir esse cliente. Uma das formas de persuasão mais comuns (para publicitários e líderes religiosos) é o uso de características positivas a esse fiel, como “corajoso”, “campeão”, “vencedor”. Ao mesmo tempo, é preciso instigá-lo a adquirir o produto, agora usando a estratégia de que Deus “não aceita covardes em seu rebanho”. Para Torresan (2007), essa é uma forma de instituir um desafio, onde o fiel precisa se provar capaz, ao mesmo tempo em que os próprios líderes retiram quaisquer parcelas de culpa que possa porventura recair por cima deles ao lembrá-los que “o que o leva ao topo do monte é sua própria fé”.

Ao afirmarem que são um meio de comunicação com o Senhor, estabelecem uma importância e confiança inegáveis entre os que os ouvem, que não pretendem questionar a Palavra divina porque, se o fizessem, estariam quebrando os mandamentos proclamados por Deus. Os líderes religiosos, ao fazerem uso de tais discursos, podem usar incentivos e tentações como meio para interferir potencialmente no comportamento e nos papéis de gênero na igreja ou nas casas. A

tentação está relacionada à sedução, que ocorre quando os líderes oferecem escolhas na vida dos fiéis onde são tomadas decisões que impactarão sua conexão com Deus.

Tendo por base o panorama apresentado acima, este estudo propõe uma análise de conteúdo de material publicamente disponível nas páginas da internet e nas redes sociais institucionais de igrejas e líderes religiosos selecionados mediante número de seguidores e participantes. Prestamos particular atenção a como a religião e os discursos religiosos são de certa forma utilizados para justificar a violência contra as mulheres e reforçar estereótipos de gênero que objetifiquem, precifiquem, silenciem e submetam mulheres, além de limitar sua autonomia e direitos.

II. Métodos

Para a definição do *corpus do estudo*, foi feita a busca de materiais nos meios de comunicação *online* das próprias instituições, como seus canais verificados no *YouTube* e *Instagram*, visando reunir, dentro do período proposto, todas as publicações que fizessem menção à “Congressos para Mulheres”, ou que mencionassem em suas legendas e *thumbnails* as palavras-chave "mulher sábia", "mulher valorosa", "esposa", "casamento", "casamento blindado", "feminista", "feminismo", "violência doméstica", "violência de gênero", "submissão", "mulher da bíblia". Vale lembrar que o *corpus* utilizado para análise do discurso não é previamente definido, mas composto por gestos de leitura, interpretação e ação (ORLANDI, 2002). Ao definir um *corpus*, é necessário considerar o discurso como parte de um processo aberto que se relaciona com um discurso anterior e aponta para outro discurso, de forma que diferentes momentos podem ser relatados e analisados. Para Marquezan (2009), “a constituição do *corpus* já é um trabalho de análise, pois implica decidir em relação às propriedades discursivas a serem consideradas. A configuração do *corpus* de pesquisa é decidida pelo analista que, balizado no dispositivo teórico da Análise de Discurso, dimensiona-o conforme seus objetivos de pesquisa.”

A escolha destas palavras claramente não se deu de forma aleatória, e está justificada por sua relevância para o tema, e também por sua capacidade de

capturar aspectos específicos dos discursos buscados nos vídeos, tanto nas falas como nos títulos, descrições, legendas e *hashtags* dos vídeos. "Mulher sábia" e "mulher valorosa" são expressões frequentemente usadas em contextos religiosos como forma de descrever um ideal de feminilidade associado à submissão, à virtude e ao apoio ao marido, o que pode influenciar as percepções das mulheres sobre seus próprios papéis e valor na família; "Esposa" e "Casamento" são termos intrinsecamente ligados à dinâmica do relacionamento entre marido e mulher, e o discurso religioso muitas vezes enfatiza a importância da submissão das esposas aos seus maridos e a manutenção da harmonia conjugal, que pode levar à perpetuação das relações de poder desiguais; "Casamento Blindado" é um termo mais recente, surgido após a publicação de um livro que prometia a recuperação de casamentos problemáticos como uma espécie de manual, propondo uma forma de proteger ou defender um casamento de influências externas ou problemas internos.

Uma análise deste termo no discurso religioso pode revelar ideias sobre as responsabilidades das mulheres em permanecerem casadas, incluindo tolerar a violência ou minimizar os problemas associados à ela; "Feminismo" nos permite identificar ou não uma retórica que critica ou rejeita o feminismo, podendo perpetuar visões tradicionais e conservadoras sobre os papéis de gênero; "Violência doméstica" e "violência de gênero" são termos cruciais para analisar a presença e a forma como é tratada a violência doméstica no discurso religioso. Ao determinar a forma como estes temas são abordados, é possível avaliar se essa violência é reconhecida, minimizada ou mesmo justificada; "Submissão" nos ajuda a compreender como o discurso religioso promove a subordinação das mulheres aos homens, o que pode ajudar a manter relações de poder desiguais e potencialmente legitimar a violência doméstica; "Mulheres na Bíblia" e a forma como essas mulheres são tratadas nos discursos nos ajuda a identificar padrões e narrativas que enfatizam determinados padrões de feminilidade e comportamentos que podem influenciar as expectativas e experiências das mulheres na vida cotidiana, inclusive relacionadas à violência doméstica.

O período a ser analisado compreendeu os anos 2020 (janeiro) à 2023 (dezembro), momento de importante transição governamental no Brasil, onde a internet ganhou espaço para discussões nos temas de interesse, incluindo, muitas vezes, réplicas e tréplicas das próprias instituições religiosas e/ou seus líderes,

tópico de relevância para este estudo. A análise se deu através de vídeos públicos disponibilizados pelas próprias igrejas em canais da rede *YouTube*, *Facebook* e *Instagram (reels)*, englobando os vídeos de Congressos para Mulheres da Igreja Batista da Lagoinha - “Mulheres Diante do Trono”, *Godllywood* - “Resgatando a identidade da mulher em Cristo” - Igreja Universal do Reino de Deus, bem como perfis de grande visibilidade no meio, com alto número de seguidores e compartilhamentos, sendo: Carol Fregulia (@carolfregulia - 428k), Manu Evelyn (@manuevlim - 100k), Leo Aquilla (@leonoraaquillaoficial - 665k), Jackeline Queiroz - Feminilidade Cristã Brasil (Família M. Queiroz - 119k) e Fé e Tulipas (@fetulipas - 132k). Essas páginas foram selecionadas por conveniência, devido a possuírem grande número de visualizações e interações que sugerem grande envolvimento nas vidas das mulheres que os acompanham. Ao todo, foram analisados 40 vídeos produzidos, totalizando mais de 50h, que foram classificados em 4 categorias: palestra presencial filmada, live, *reels* (vídeos curtos para consumo rápido) e cultos devocionais filmados. Todo material selecionado foi posteriormente transcrito, codificado e organizado em redes temáticas conforme metodologia de Attride-Stirling (2001), com auxílio de *softwares* como YTScribe e *Dedoose*.

As redes e códigos, que se encontram a seguir, foram atribuídos dedutivamente, a partir da literatura: "A mulher ideal"; "Anti feminismo"; "Chantagem emocional"; "Depreciação para convencimento ("Pecado da vaidade)"; "Indução/lapidação comportamental"; "Mulher como objeto - exemplo - modelo"; "Quebra de padrão de reforço estereótipo feminino"; "Reforço do estereótipo de gênero da mulher" (submissão, delicadeza, fidelidade, cuidados domésticos, feminilidade, silenciamento); Reforço de estereótipo de gênero, do homem" (viril, provedor, dono/menino, indefeso, merecedor de cuidado); "Silenciamento de experiências" (Silenciamento, críticas à sociedade atual, comportamentos - construtiva/não); "Submissão feminina".

III. Resultados e Discussão

Os resultados encontrados revelam forte padrão de perpetuação de papéis de gênero e violência contra a mulher. Eles serão discutidos a seguir, em relação a cada fonte de dados.

A Igreja Batista da Lagoinha, situada em Belo Horizonte-MG, de reconhecimento nacional e também em vários países da África, Europa e Estados Unidos, realiza desde 2013 um encontro mensal para mulheres chamado "Mulheres Diante do Trono", onde o objetivo central é abordar temas relacionados ao papel da mulher na sociedade, com foco em princípios religiosos. Os encontros cobrem diversos tópicos, como aparência - dicas de maquiagem e vestimenta que equilibram elegância e moderação, considerando o tipo físico de cada mulher, e modéstia; comportamento - reflexões sobre como ser uma boa mulher, mãe e esposa, sempre buscando harmonia e respeito dentro da família; submissão feminina - um dos temas recorrentes é a "Submissão Feminina", um de nossos códigos, sendo considerada pela pastora *"intrínseca ao ser mulher"* (Tannure, 2023), e que em nossas análises de trechos transcritos, foram contabilizados 38 vezes.

Outras convidadas, como psicólogas e pastoras, definem submissão como uma missão complementar à do marido. Se à ele cabe a missão de amar sua esposa, à mulher cabe a missão de auxiliar o marido em sua missão de amar, através de sua submissão, além de treinar suas filhas desde pequenas para a submissão futura aos seus maridos. São abordadas, também, as consequências da não submissão: enfraquecimento da autoridade do marido e mau exemplo para as filhas. *"O que acontece, é difícil se submeter porque você tem que se abaixar muito, engatinhar, você se sente humilhada porque está debaixo de um homem que você não está levantando, a gente falou agora nisso, né, nessa primeira parte da submissão ao marido. Mas falamos que é submissão aos pais e a todas as autoridades que estão sobre nós"* (Tannure, 2023). Junto ao contexto da submissão, geralmente é atrelado ao discurso de convencimento, como uma forma de "Indução/lapidação comportamental" - outro de nossos códigos, que aparece nas análises 29 vezes -. É comum haver também a "Depreciação para convencimento" (contabilizando 22 aparições) como uma espécie de marketing reverso, onde há a exposição do que é feio - o mundano, carnal, não feminino - e o que é considerado aprazível aos olhos, de Deus e de seus maridos, como em: *"Submissão meninas é a missão que a mulher tem de ajudá-lo a amar 'nós'. Bom, isso é submissão. Aleluia, seja uma mulher fácil de amar, certo? Não é fácil amar uma mulher briguenta. Não é fácil amar uma mulher rebelde, rabugenta. É fácil? Não é fácil, então cabe a você se tornar uma mulher amorosa."*, e *"vejo que submissão é um princípio que engloba algo*

muito mais profundo, muito mais maravilhoso. As consequências são muito fortes para acertar tudo, isso é muito forte, então é muito importante que as meninas que estão aqui sonhem em ser esposas, como ouvimos hoje, tão lindas em pela manhã, o sonho de se realizar como uma esposa. Sonhar em sermos mães, e que possamos preparar nossas meninas para o casamento” (Tannure, 2023)

Também foi comum encontrar nesses vídeos o uso do que codificamos como “Chantagem emocional”, que aparece identificado 32 vezes, onde há uma exemplificação de alguém que passou por uma situação pior do que a que nos é apresentada, e não sucumbiu. Do contrário, aguentou, e não só aguentando, também venceu - é a vitória que você também pode alcançar se não desistir. “Você tem que aprender a obedecer e se submeter, entende? Desde o nascimento, desde pequenos, temos o nosso maior exemplo de vida, Jesus. Jesus se submeteu ao Pai, ele disse: ‘eu não falo nada, não faço nada que não vem de meu pai’ e como filho ele aprende” (Tannure, 2023), e em trechos talvez um pouco mais problemáticos, como “Você pega o menino hoje no reformatório, ou você estuda o caso de um de um bandido, de um estuprador, de um cara violento, de um assaltante, que é alguém envolvido com o tráfico, você pergunta quem foi seu pai ou que foi sua mãe, gente 99.9% dos casos vocês vão ter uma família deformada por trás desse marginal, dessa pessoa que passou a viver à margem da sociedade, porque os pais resolveram viver a própria vida. No bairro não tá porque, olha, eles vão embora, vão embora mesmo.” (Tannure, 2021).

Vídeos sobre reuniões religiosas mensais para mulheres na Igreja Batista da Lagoinha “Diante do Trono” podem ser encontrados em sua maioria na internet, na página oficial do *YouTube*, no site da instituição, ou no *Twitter* e *Blog* pessoal das Pastoras Líderes, salvo exceção se houverem restrições de reprodução dos próprios sites.

De mulher para mulher são passados cursos, orientações, conferências, “imersões” e mentorias nas redes sociais em publicações como “*Por qualquer motivo, razão, NÃO durma em cama diferente. Um casal tem que compartilhar tudo, até o sono noturno. Se eles brigarem, durmam juntos de qualquer maneira*”, ou do tipo: “*As mulheres devem se livrar de qualquer 'energia masculina'*”, segundo a nova Mentora Gospel, Carol Fregulia. Essa denominada energia masculina tem como

características “*sentir-se cansado, sobrecarregado, insatisfeito com a vida e os relacionamentos*”, que poderiam ser situações vivenciadas por quaisquer pessoas que experienciam o dia a dia corriqueiro da vida, mas aparentemente não é de bom tom para esse público restrito.

Perfis como Manu Evllin (60 mil inscritos) e Léo Aquilla (400 mil inscritos) dão dicas que vão desde como ser uma “*mulher suave e com movimentos delicados e femininos, que agrade seu parceiro*” a como arrumar um varão rico. Em todas as postagens e vídeos (*reels*) analisados (até então), existe porém uma característica comum - além do cenário muito claro, com muitas flores e tons róseos - é preciso ter uma postura calma, piedosa, generosa e disposta a cuidar de seu lar, ainda que um pouco cansada após um dia de trabalho. Essa característica é tão importante e valorizada quanto manter um sorriso bem bonito e aberto ao seu varão. Há também uma supervalorização da figura masculina, e o desprezo por mulheres “astutas e curiosas”, que seriam nada mais do que as de nós que se interessam por ser mais politizadas.

A valorização d’*“A mulher ideal”* (codificado 18 vezes) é ponto marcante dos discursos veiculados, e uma série de manuais, passo a passos, guias e informativos são veiculados com a premissa de garantir o alcance da tão sonhada feminilidade virtuosa, sempre muito calma, quieta, obediente, “*que fala baixo, com mansidão e prudência*” (Maia, 2022). Para tanto, é preciso antes de mais nada, “*abrir mão dessa identidade que o mundo nos deu. Essa identidade de independência, que você não precisa de nada nem de ninguém, você sozinha se basta. Mentira gente, é uma mentira*” ‘*você pode ser o que você quiser*’ *isso que o mundo prega é uma mentira! Nós nascemos com propósito de vida*” (Siqueira, 2020). Também é preciso ter em mente que um casamento feliz, o ideal, “*vai custar um preço. Nada que é bom na vida vem de graça, querida, (...) minha família vai ser maravilhosa. Tudo que é bom custa caro, mas muita gente não quer pagar o preço aí deixa.*” (Tannure, 2021).

O código do “Anti feminismo”, com 4 aparições, ganhou corpo ao analisar vídeos onde, em contraponto à figura virtuosa e feminina, havia a mundana, suja e promíscua. Aqui vale destacar duas importantes falas, uma da Pastora Helena Tannure, no Congresso Aviva Mulheres, 2021, onde em dado momento há a lembrança de tempos de outrora, onde na visão da Pastora o mundo fazia mais

sentido e funcionava de maneira melhor, pois *“há 50 anos atrás quando o homem falava é isso que vai ser feito, era isso que era feito. Ninguém tinha que provar que ele falou, porque ele empenhava a honra dele. A palavra dele tinha poder, tinha autoridade vigente. Por coincidência isso tudo têm mudado após os anos 50/60, presidência, televisão, cinema, hollywood, feminismo, degradação da família, divórcio, aborto...”* e a outra da *influencer* Talitha Pereira, em seu manual de como ser uma mulher virtuosa (2022), que faz um apelo àquelas que a ouvem, para que não se deixem levar pelo que o mundo oferece: *“você já ouviu em algum momento uma frase que diz assim: ‘meu corpo minhas regras’, ‘lugar de mulher onde ela quiser’, “abaixo o patriarcado”?* Pois bem, todas essas frases são fruto de uma mentira de satanás levantada para distorcer a verdade da palavra de Deus. Então a verdade do mundo, que é a mentira de satanás, diz o que *‘seu corpo, suas regras’ - Quem manda no seu corpo é você, você faz com o seu corpo que você quiser, você entrega seu corpo a quem você quiser. Percebe que é uma mentira querendo destronar a verdade da palavra de Deus? Mas a mentira do diabo quer colocar a Maternidade como o quê? como um peso tão grande de a mulher ser capaz de dizer se quer ou não matar uma vida no seu ventre como se ela fosse um objeto. A Bíblia diz que nós como mulheres precisamos cuidar da nossa família, da nossa casa e do nosso lar, e quando fazemos isso a gente não só ama nossa família, a gente glorifica o nome de Deus, mas o Diabo diz que se a mulher cuida da casa e da família ela está vivendo uma verdadeira opressão do patriarcado. Mas hoje nós vamos aprender ainda mais a olhar com sabedoria o que a mentira deste século está tentando fazer com cada uma de nós (...)*”.

Ao mesmo tempo em que uma figura feminina é bordada e entregue às seguidoras, que de prontidão se adequam aos moldes que veem, há também o ciclo de justificativa, onde é preciso diminuir todas as outras mulheres que não se adequam a esse padrão - o correto -, mais uma vez usando da violência, agora umas contra as outras. Frida Kahlo, por exemplo, é mencionada em um vídeo da Congressista Cris Corrêa (auto intitulada autora da linha de estudos “Não existe feminista cristã”) como alguém que *“só ganhou notoriedade por dormir com vários homens importantes”*. Há, aqui, a desqualificação da luta feminista, vista como uma ameaça aos valores tradicionais. A postura de reforço da incompatibilidade entre fé

e luta por igualdade de gênero contribui para o silenciamento das mulheres, e a perpetuação da violência.

Um perfil famoso na rede *Instagram*, de nome Fielmente Feminina (26 mil seguidores), publicou uma carta de uma “mulher resgatada da promiscuidade” (2020), que tem cerca de 2500 likes e diversos comentários. Nela, a mulher relata que fora abusada em sua pré - adolescência, fez uso de drogas e viveu períodos sombrios. Em determinado momento, associa todos os males enfrentados ao fato de ter conhecido e entendido o feminismo, fazendo quase que o trabalho inverso de culpar as mulheres e poupar os homens por crimes cometidos majoritariamente por eles mesmos, como divulgado em 2019 pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Cerca de 66 mil pessoas foram vítimas de estupro no país, sendo 53.8% meninas de até 13 anos - 4 meninas de até 13 anos estupradas por hora no Brasil (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2019).

Outro perfil amplamente conhecido no meio evangélico, Feminilidade Cristã Brasil (16,700 seguidores) prega que a mulher deve estar sempre em um patamar mais baixo na hierarquia em relação aos homens. Sua criadora, Jackeline Queiroz, costuma dizer em seus vídeos com mais visualizações *“Por isso que é bom ler a Bíblia para não ser feminista, porque a feminista acha que a mulher está aqui para fazer a sua própria vontade. Para ser a bambambam, a gostosona, a empoderada. Para ser feliz”* (2021).

Ainda na mesma intenção de moldar a mulher, suas vivências, escolhas - matrimoniais, estudantis, reprodutivas -, outro canal “Fé e Tulipas, florescendo em um mundo caído” (178 mil seguidores) prega que *“muitas feministas dizem que devemos buscar nossa própria realização e nossa felicidade, mas foi essa oferta que a serpente fez a Eva no Jardim do Éden – e a gente sabe onde levou, porque todo pecado promete várias coisas, mas não consegue cumprir”*. Sua solução, então, se baseia em 5 ensinamentos e condutas de uma esposa sábia e agradável a Deus: 1. ela ora pelo seu esposo; 2. é sempre positiva; 3. cuida do seu lar; 4. é carinhosa e compreensiva; 5. surpreende seu esposo. É comum o uso da figura de Deus para reforçar o ensinamento e manter a mulher como é esperado: submissa e obediente.

É o que acontece, por exemplo, no método *Godllywood*, criado pela missionária Cristiane Cardoso. O nome faz menção a nossa conhecida *Hollywood*, porém, segundo uma fala da criadora em seus vídeos de *YouTube*, “*Hollywood promove em nossa sociedade todo tipo de coisas erradas, como morar junto, engravidar sem casar. Foi Hollywood que incentivou as mulheres a não gostarem de ser mães, de só quererem trabalhar (sic)*”. Esse projeto se concentra em moldar mulheres de acordo com princípios bíblicos, enfatizando virtudes e empoderamento, onde promovem uma visão tradicionalista de feminilidade. Incentivam as mulheres a serem emocionalmente independentes, porém submissas, valorizando qualidades da esposa ideal - cuidado e obediência (Souza, 2017). *Godllywood* foi criado como um manual de pedagogia digital para mulheres evangélicas difundido pela Igreja Universal do Reino de Deus, e usa as mídias sociais para promover a feminilidade virtuosa. Entretanto, essa ênfase nos papéis tradicionais de gênero pode perpetuar e fortalecer expectativas de comportamento estereotipadas, e normalizar a visão do controle masculino sobre as mulheres.

Há o constante reforço do papel feminino, do lugar que é designado à mulher, onde ela pertence, mas que é de certa forma bonito e admirável, afinal de contas é bíblico, e valoroso. Em contrapartida, mulheres que fogem a esse padrão, pecadoras da carne, não são bem vistas e por isso, não merecedoras de salvação - essas devem ser evitadas a todo custo - não alcançarão a salvação pois estão perdidas. Nos vídeos do método, as dicas valiosas nos serviram como sinal de classificação em mais um de nossos códigos, “Reforço de estereótipo de gênero, da mulher”, e as citações “*Hoje as pessoas falam assim o que é bonito é para ser mostrado, mas se o corpo não é seu, você não tem que mostrar, e não é seu para você chamar atenção, não é para você sensualizar não, é para você seduzir outras pessoas através da beleza do seu corpo (...)*”, “*é pecado fazer micropigmentação na sobrancelha, é pecado colocar silicone no peito, isso eu pergunto para Deus: se não for para Deus é pecado, se não for para a glória de Deus é pecado. Pode botar uma blusa meio que aparece o ombro? pode botar tomara-que-caia? então, é para Deus? se não é para Deus, é pecado, porque o curto não é nosso corpo, é dele. É claro que se você é uma mundana, se você não tá nem aí para Deus..*” (Bezerra, 2020) nos trazem um pouco do entendimento do mundo da tão procurada Mulher Virtuosa.

No propósito da construção dessa mulher perfeita - talvez inalcançável - encontramos trechos que puderam ser identificados com o código “Reforço do estereótipo de gênero > da mulher”, 13 marcações, e identificamos em frases como as do Bispo Edir Macedo (2020) *“muitas mulheres aceitam muita coisa que o homem faz errado por dependência ou por carência né, o pouco por amor ela então aceita”, “infelizmente, a mulher ela também por estar longe de Deus, ela continua tendo esse comportamento, deixando um homem tratar ela como se ela fosse inferior”,* e de sua esposa, Ester Bezerra (2020) *“(...)tem muita coisa que você pode fazer, cuidar da sua casa hoje, em vez de olhar a comida como fardo, sabe? a casa tudo, tudo é um fardo para você, acha é coisa de doméstica. Em vez de você olhar assim, você pode usar isso para ganhar sua família (...) em vez de ficar aí no instagram, tiktok ou no youtube, no facebook ou aquelas redes sociais.”*

Desta forma os discursos cumprem o propósito de manter o ideal de mulheres que querem agradar aos homens como lhes foi ensinado, ainda que isso vá de oposto ao seu próprio bem-estar, sua saúde mental, física, suas escolhas e intenções reprodutivas ao pregar, por exemplo, que dentre as características da mulher verdadeira e ideal, estão o fato de que *“ela acorda mais cedo do que todos na casa para preparar a refeição da família e planeja as tarefas do dia para as suas servas, justamente porque ela quer ter o prazer de fazer as coisas com calma e amor para o seu marido e para os seus filhos. Então ela faz o café da manhã com amor, faz uma mesa posta, hoje em dia né, que gente tá adaptando a situação da mulher virtuosa pros dias de hoje, ela já organiza não só a sua rotina mas organiza a rotina dos filhos também, e da sua funcionária - o que que ela vai fazer, o cardápio do dia caso você seja uma mulher que tenha uma funcionária em casa, ou você organiza a sua própria rotina: como que vai ser hoje, qual comida eu vou fazer, quais lugares eu vou começar a lavar a casa. Então não é aquela mulher dispersa, é uma mulher que tem sim uma rotina organizada”* (Maia, 2022).

Com a crescente onda de conservadorismo político e religioso experimentado no país, parte considerável do que as redes sociais exibem poderia facilmente aparecer no extinto folhetim famoso Jornal das Moças (1914-1965), onde se podiam ler conselhos como “A bagunça no banheiro dá vontade de tomar banho no marido” ou “A mulher deve deixar o marido descansar nas horas vagas e não incomodá-lo nas tarefas domésticas” (1959).

De fato, um movimento semelhante ao que nossas antecessoras vivenciaram começa a surgir, dando ares de graça, perfume de rosas e vestidos rodados pelos vídeos e perfis das novas mulheres virtuosas e femininas - são as *tradwives* (esposas tradicionais, em tradução livre), fenômeno já comum no submundo do *tiktok* que prega a vida de uma mulher que prefere ter um papel ultra tradicional no casamento, incluindo a crença de que o lugar da mulher é em casa, e seus maridos não devem fazer nenhum trabalho doméstico, uma vez que já são provedores do lar. Estee Williams, influencer famosa e inspiração citada por muitas adolescentes na *hashtag* “EvangélicaVirtuosa” argumenta que para as *tradwives*, “*Acreditamos que o nosso propósito é como dona do lar. Nós, como indivíduos, estamos escolhendo viver desse modo. Podemos fazer essa escolha sem ser julgadas*”

Conclusão

A análise dos discursos religiosos em relação à violência de gênero traz um padrão preocupante de perpetuação dessas práticas que subjagam as mulheres, presente no período observado para o Brasil. O uso de textos sagrados e leis religiosas para justificar quaisquer comportamentos violentos e limitar a autonomia das mulheres é alarmante.

A relação entre religião, discurso religioso e violência de gênero afeta significativamente o curso de vida das mulheres em contextos demográficos. Os ensinamentos religiosos moldam as percepções e os comportamentos das mulheres desde novas, e influenciam desde sua educação, suas intenções reprodutivas, escolhas de relacionamento e percepções políticas, de saúde, e de si mesmas como atores no mundo. A submissão feminina, muito propagada em ambientes e discursos religiosos, pode levar mulheres a aceitar situações violentas como parte do seu destino ou missão divina, afetando diretamente as suas experiências de vida, uma vez que elas mesmas podem nem se perceber violentadas pelo meio em que vivem.

É necessário um debate mais amplo sobre o papel da religião na sociedade e como os discursos religiosos podem ser transformados para promover a igualdade de gênero e o respeito pelos direitos das mulheres, e análises como essas têm potencial de abrir espaço para maiores discussões acerca de como a religião e o

discurso religioso podem perpetuar a violência baseada no gênero de diversas maneiras, tais como a uso de passagens bíblicas ou outros textos religiosos interpretados como subordinação das mulheres aos homens, e também hierarquização feminina; sermões que promovem a misoginia e violência contra as mesmas, líderes religiosos que usam as suas posições de poder para abusar de mulheres e meninas, e o crescente movimento contra lutas feministas - não que já não houvessem outros, como o *backlash*, mas desta vez mais arraigado, de dentro pra fora, não imposto diretamente, mas crescendo com as pessoas, quase como um movimento cíclico de retorno ao antigo, ao lugar que lutamos tanto para que não nos fosse imposto, nem resumido.

IV. Referências bibliográficas

ATTRIDE-STIRLING, J. Redes temáticas: uma ferramenta analítica para pesquisas qualitativas. **Pesquisa qualitativa**, v. 1, n. 3, pág. 385-405, 2001. Acesso em: 7 maio 2024.

BECKER, João. Deus e a Violência contra as Mulheres: Reflexões Teológicas. *Faculdade Teológica Sul Americana*. Disponível em: <<https://ftsa.edu.br/tag/violencia-contra-a-mulher>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

CANDIOTTO, J. F. S. A leitura da criação e da antropologia teológica a partir das relações de gênero. **INTERAÇÕES**, v. 7, n. 11, p. 147-163, 2012.

CHIAVENATO, E. M. Gênero e religião: Uma análise crítica dos estereótipos de gênero nas religiões. **Revista Brasileira de Estudos Feministas**, 29(1), 147-164, 2021. Acesso em: 2 maio 2024.

DANDARA MAIA. *Como ser uma mulher virtuosa*. [Vídeo]. *YouTube*, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ej-lq_lq_lq>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DANDARA MAIA. *Como se tornar uma mulher virtuosa de PROVÉRBIOS 31 | Passo a passo!*. [Vídeo]. *YouTube*, 2024. Disponível em: <<https://ytscribe.com/v/bDBMmxDGMTE>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIANTE DO TRONO. *COMO SER FELIZ NO CASAMENTO - Ana Paula Valadão*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iGXa9bebLAg&list=WL&index=5>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIANTE DO TRONO. Tannure, H. *TBT Helena Tannure - Congresso de Mulheres Diante do Trono*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytscribe.com/v/nPcw6cHowec>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIANTE DO TRONO. *A mulher em seus diversos papéis - Helena Tannure (Cong. de Mulheres DT)*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytscribe.com/v/KV9kD7VgaZI>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIANTE DO TRONO. Tannure, H. *II Congresso Mulheres DT - Aprendendo a Submissão: a Deus, aos pais, ao esposo*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytscribe.com/v/gGfEBak1vo0>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIANTE DO TRONO. Tannure, H., Bezerra, E., Cardoso, C., Freitas, V. *Bate-papo DT: Mulheres Virtuosas ou Teimosas?*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://ytscribe.com/v/_ID1YCA-Kg>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIANTE DO TRONO. *MULHERES QUE FALAM MUITO*. [Vídeo]. *YouTube*, 2021. Disponível em: <<https://ytscribe.com/v/wpclMkQqFe0>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DIANTE DO TRONO - *Mulheres Virtuosas ou Teimosas. 2º. Congresso de Mulheres*. [Vídeo]. *YouTube*, 2020. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=aF_fARIWa6E>. Acesso em: 16 abr. 2024.

DRESCH, P. C. Religião e controle social: a dimensão da submissão e da alienação religiosa como projeto político-ideológico da classe dominante. 2023. **Unitas**, 10(2) doi: 10.35521/unitas.v10i2.2626. Acesso em: 3 maio 2024.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: **Martins Fontes**, 1996. Acesso em: 3 maio 2024.

ELEGANTE SEMPRE. Bezerra, N. *Como posso ser graciosa?*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytscribe.com/v/8ITT2iwkLp8>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

FÉ E TULIPAS. *Porque eles têm medo da feminilidade bíblica?*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/E-jG4xiVrM4?feature=shared>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

FERREIRA, L. A violência de gênero no discurso religioso. **Revista de Estudos da Religião**, v. 1, pág. 1-20, 2015. Acesso em: 2 maio 2024.

FÓRUM SEGURANÇA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2019. Disponível em: <https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GHINEA, V. M. Persuasão e manipulação no discurso religioso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 2, pág. 1001-1024, 2019. Acesso em: 2 maio 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Bezerra, N. *10 Dicas para manter os homens interessados em você*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytsubscribe.com/v/vm05L5tEI3Q>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Bezerra, E., Cardoso, C., Freitas, V. *MULHERES CALADAS?*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytsubscribe.com/v/V-iEDc6gXWE>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Cardoso, C. *Meu corpo, regras d'Ele*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://ytsubscribe.com/v/wV_s3OrehFQ>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Cardoso, C. *O CORPO da mulher CRISTÃ*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://ytsubscribe.com/v/1k_WwTGnySw>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Cardoso, C. *A mulher na Bíblia*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://ytsubscribe.com/v/FWo5u5_dOmQ>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Cardoso, C., Siqueira, N. *Se ESVAZIAR VS se ANULAR*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytsubscribe.com/v/awRjQQoZINA>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Cardoso, C. *Como se "desempoderar"?*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytsubscribe.com/v/0jyyQ71sTOs>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Cardoso, C., Bezerra, A., Freitas, N. *O Espírito Santo e o batom*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytsubscribe.com/v/fu79RW7NqzE>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Lima, A. *Por que meu relacionamento não dá certo?*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytsubscribe.com/v/XjDKy8IHMVs>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GODLLYWOOD CANAL. Macedo, E., Bezerra, E. *A mulher SÁBIA na prática*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytsubscribe.com/v/U8-DN8WjRfY>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GUERRA, K. M. P. P. Análise da violência doméstica e familiar e a religião. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano. 08, Ed. 08, Vol. 01, pp. 147-160. Agosto de 2023. ISSN: 2448-0959. Acesso em: 16 de abril de 2024.

GUERRA, L. A. O papel da religião na vida das mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 38(114), 167-186, 2023. Acesso em: 2 maio 2024.

INÊS, J. B. Mobilização e engajamento: estudo de caso da hashtag #MeToo na rede social *Twitter*. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/a28365d3-979e-44c4-9665-bb1437322c22>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

INSTAGRAM - Daniela Vargas (@feminilidadecrista_) • Instagram photos and videos. Disponível em: <https://www.instagram.com/feminilidadecrista_/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

INSTAGRAM - Leo Aquilla (@leoquillaoficial) • Instagram photos and videos. Disponível em: <<https://www.instagram.com/leonoraquillaoficial/>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

MARX, K., ENGELS, F. Sur la Religion (SR), Paris, **Éditions Sociales**, 1960, p. 42. Acesso em: 2 maio 2024.

NUBIA SIQUEIRA. *Como se "desempoderar"?*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://ytscribe.com/v/0jyyQ71sTOs>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

OAS. Convention on the Prevention, Punishment and Eradication of Violence Against Women. 1994. Acesso em: 2 maio 2024.

ONU Mulheres. Relatório Global da ONU Mulheres. 2021. Acesso em: 16 abr. 2024.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: **Pontes**, 2002. Acesso em: 18 abr. 2024.

PESQUISA "Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil". 2020.

Disponível em:

<<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-4a-edicao-datafolha-fbsp-2023/>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

PERTEK, S., LE ROUX, R. Religião e violência de gênero: uma revisão sistemática. **Jornal de Estudos de Gênero**, v. 31, n. 2, pág. 1-15, 2022. Acesso em: 17 abr. 2024.

SITE *Carol Fregulia*. Disponível em: <<https://carolfregulia.com.br/>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SOUZA, B. M. A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo. São Paulo: **Duas Cidades**, 2017.

TALITHA PEREIRA. *MANUAL DA MULHER VIRTUOSA*. [Vídeo]. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9xS9IGYRns0>>. Acesso em: 19 abr. 2024.

TORRESAN, P. Discurso religioso e manipulação. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 2, pág. 1-20, 2007. Acesso em: 19 abr. 2024.

TRUONG, M. *et. al.* Attitudes and beliefs about family and domestic violence in faith-based communities: An exploratory qualitative study. **Australian Journal of Social Issues**. p. 18, 2022. Disponível em:<<https://doi.org/10.1002/ajs4.210>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

VEIGA, Maria Lucia. A Violência contra a Mulher: O Aconselhamento Religioso como Facilitador para o Acomodamento a Situações Violentas. 2020. Acesso em: 16 abr. 2024.

VIRTUARE. *COMO ser UMA BOA ESPOSA em 10 PASSOS | MULHER SÁBIA e VIRTUOSA *dicas, comportamento, feminilidade*. [Vídeo]. *Youtube*, 2023. Disponível em: <<https://youtu.be/dqTidsekJCE?feature=shared>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

ZHU, Y. Religião e violência de gênero: uma perspectiva global. **Jornal de Estudos de Gênero**, v. 31, n. 3, pág. 1-15, 2022. Acesso em: 16 abr. 2024.